

DR. POLIDORI, STOKER, RICE: AS METAMORFOSES DO MITO DO VAMPIRO NO SÉCULO XIX E XX

Danielle de Oliveira Costa (Mestranda em Teoria Literária)

Resumo

Os últimos anos do século XVIII, século das luzes e do racional, trouxeram à luz um novo campo temático para a literatura mundial: O mundo do sobrenatural. Obviamente, o tema do sobrenatural não é exclusivo do século XVIII, tendo sido explorado largamente na era medieval, onde, aliado à ideologia católica, servia como instrumento de opressão para que o homem se lembrasse que o castigo divino estaria sempre presente. No entanto, os séculos XVIII e XIX, formaram prolíferos autores neste campo. Horace Warpole (*The Castle of Otranto*, 1793), Ann Radcliff (*Mysteries of Udolpho*-1794) e Matthew Gregory Lewis (*The Monk* -- 1794) surgem, no final do século XVIII, como modelos de narração gótica que mais tarde influenciariam mestres da literatura gótica como Mary Shelley, Bran Stoker e Anne Rice.

*Quando após me sugar dos ossos a medula,
Para ela me voltei já lânguida e sem gula
À procura dum beijo, uma outra eu vi então
Em cujo ventre o pus se unia à podridão:"*

As metamorfoses do vampiro

Charles Baudelaire

Os últimos anos do século XVIII, século das luzes e do racional, trouxeram à luz um novo campo temático para a literatura mundial: O mundo do sobrenatural.

Obviamente, o tema do sobrenatural não é exclusivo do século XVIII, tendo sido explorado largamente na era medieval, onde, aliado à ideologia católica, servia como instrumento de opressão para que o homem se lembrasse que o castigo divino estaria sempre presente. No entanto, os séculos XVIII e XIX, formaram prolíferos autores neste campo. Horace Warpole (*The Castle of Otranto*, 1793), Ann Radcliff (*Mysteries of Udolpho*-1794) e Matthew Gregory Lewis (*The Monk* – 1794) surgem, no final do século XVIII, como modelos de narração gótica que mais tarde influenciariam mestres da literatura gótica como Mary Shelley, Bran Stoker e Anne Rice.

Ainda no século XVIII, em 1747 o poeta alemão Heinrich August Ossenfelder iria inaugurar o tema do vampiro na literatura ao escrever o poema “Der Vampir”, depois de ouvir uma série de debates em universidades alemãs baseados em livros escritos no século XVII (1645 – *De graecorum hodie quirumdam opinionibus*, escrito por Leo Allatius) e no começo do século XVIII(1744 – *Giusseppe Davanzanti – Disserttatione sopra i vampire-* 1746 – *Don Augustin Calmet – Dissertations sur les apparitions des angeas, des démons et des esprits, et sur lês revenants, et vampires de Hundrie, de Bohême, de Moravie, et de Silésie*):

Propagados em escala continental por tratados teológicos do século XVIII, os relatos sobre o ‘levante vampírico’ do Leste Europeu fincaram raízes profundas na literatura de ficção. Desenvolvida por um século e meio – com maior incidência na produção triangulada entre Alemanha, Grã-Bretanha e França - a fértil lavra que antecede *Drácula* (1897) afastou a lenda de suas origens

‘verídicas’, adaptando-a aos moldes das baladas macabras, das narrativas góticas, do teatro romântico e, finalmente, do formalismo vitoriano.¹

O poema trata da Jovem Cristina que recusa um pretendente por conselho de sua mãe que acreditava que ele vinha de uma região assolada por vampiros. Inconformado com a decisão da jovem, o pretende assume impulsos de vingança com a intenção de invadir o leito de Cristina tal qual um vampiro:

E quando tranqüila dormires
De tuas formosas faces
Sorver o purpúreo.
E enquanto te amedrontares
Conforme eu te for beijando
Tal qual um vampiro beija
E quando enfim tu tremeres
Enfraquecido em meus braços
Caíres quais foras morta;
Em tão te perguntarei;
Não são minhas lições melhores
Que as de tua boa mãe?²

Porém, foi Lenora em 1753, de Gottfried August Burger que veio a influenciar Johann Wolfgang Von Goethe a escrever *Bride Of Corinth*. Ele baseou-se em relatos gregos para escrever um poema em que um jovem vai até Atenas pra reivindicar sua noiva, filha de um amigo de seu pai. À noite, em seu leito ele é visitado pela noiva, sem saber que ela estava morta e que lhe pede um cacho de seus cabelos. Ambos são surpreendidos pela mãe dela. Ao que a noiva diz que ao amanhecer ambos estarão mortos e que deverão ter seus corpos esquartejados e cremados para que não possam retornar.

¹ FERREIRA, Cid Vale. De Ossenfelder a Le Fanu: Alicerces da ficção vampírica. In Voivode. P-37

² MELTON, Gordon. O Livro dos vampiros. P-640

O SÉCULO XIX - E XX - E O VAMPIRO ROMÂNTICO

Apesar de suas manifestações na Alemanha, é na Inglaterra com Coleridge, Keats, Byron e Polidori que o mito do vampiro começa realmente a ser explorado. Em 1801, Coleridge, já sob a insígnia do romantismo, escreveria *Christabel*. Suas personagens matem uma relação com indícios de lesbianismo, onde Geraldine é supostamente vampirizada por *Christabel*.

Christabel tomou *Geraldine* em seus braços. Durante a hora de *Geraldine*, *Christabel* entrou em um estado de transe enquanto todos os pássaros noturnos se aquietaram em seus trinos. Na manhã seguinte, *Christabel* despertou refrescada com alguém que teve um sono profundo de todas as bênçãos do sono³.

A temática da morte, do sobrenatural, aliada a uma certa morbidez encontrou a sua melhor personificação, pois o romantismo em seu clima de decadência, de depressão encontra no mito seu *Locus Amoenus*. O vampiro será a encarnação do homem sedutor, imoral e perverso que fascinará a todos e fatalmente os levará à desgraça.

Lord Byron fará menção a ele em seu “*The Giaour*”, quando o personagem título tiver não sua vida, mas sua alma amaldiçoada por um mulçumano a torna-se:

Primeiro, vampiro na terra
Da cova seu cadáver retirará:
Perseguindo terrivelmente teu berço,
Sugando o sangue de toda a tua raça;
E sua filha, irmã, mulher,
Á meia noite drenará a fonte da vida;
Embora repugnando o banquete que
Necessariamente seu cadáver vivo
Tuas vítimas são as que ainda vão expirar
E conhecer o demônio como mestre,

³ Idem. P-641

Rogando praga sobre ti e ti a eles,
Tuas flores estão murchas já na haste.⁴

Byron não estendeu o assunto em seus escritos. Porém, suas personagens continuariam a apresentar a sedução inerente ao perverso, como nos diria em 1824, um acadêmico chamado Auger, em palestra ministrada no Institute de France, sobre a obra de Byron. Citado no livro de Mario Praz, *A carne, a morte e o diabo na literatura Romântica*:

Sintam horror dessa literatura de canibais que se repasta com restos de carne humana e mata a sede com sangue das mulheres e crianças; ela faria com que caluniassem o vosso coração sem dar uma idéia melhor do vosso espírito. Sintam horror, antes de tudo, de certa poesia misantrópica, ou antes, infernal que aparentemente recebeu sua missão do próprio Satanás, para induzir ao crime, para mostrá-lo sempre como sublime e triunfante, para desgostar da virtude ou desencorajá-la, pintando-a sempre fraca, pussilânime e oprimida⁵

No entanto, o mérito de Byron com relação aos vampiros, não terminaria em sua obra. Em 1816, em companhia dos Shelley (Mary e Percy) e de Jonh Polidori, em Genebra, Byron leria para os amigos histórias de terror alemães e os encorajaria a escrever sobre o assunto. Desse encontro nasceu o Frankstein de Mary Shelley e o The Vampire de Polidori, que ao ser publicado na New Monthly Magazine, daria o crédito a Byron, suscitando toda espécie de equívocos. Goethe diria que o conto era a melhor coisa que o poeta já teria escrito.

O vampiro de Polidori é um jovem libertino, Lord Ruthwen (assim nomeado em homenagem a Byron, que havia recebido o apelido da ex-amante Caroline Lamb, no livro que ela escreveu sobre seu romance com Byron, Lord Glenarvon) descrito como sendo um “Lord que se fazia notar muito mais pelas singularidades do que pela linhagem. Os seus olhos passeavam-se pela alegria geral que o rodeava com a indiferença de quem se sabe impossibilitado de a partilhar”⁶. Ruthwen conhece o jovem Aubrey, de quem fica amigo e os dois partem numa

⁴ idem. P-641

⁵ PRAZ, Mario. A carne, a morte e o diabo na literatura romântica. P-92

⁶ POLIDORI, Jonh. The vampire. P-01

viagem rumo a Grécia. Durante a estada na Grécia, revelou-se que Ruthwen poderia ser um vampiro, pois Aubrey surpreende tal ser atacando sua amada grega, Lanthe, em uma caverna. No entanto Aubrey não vê o rosto da criatura, mas acha o punhal que havia dado a Ruthwen, no chão. Logo depois Ruthwen, em circunstâncias misteriosas, vem a morrer. Porém pede a Aubrey que guarde segredo durante um ano e um dia. Neste meio tempo, ele reaparece na Inglaterra e se casa com a irmã do amigo, sufocando-a no dia seguinte ao casamento.

A trama de Polidori apresenta elementos que o ligam ao Romantismo. A trama é minuciosa, as personagens são descritas com riqueza de utilização de adjetivos, os ambientes são soturnos, fechados e escuros. A natureza é ameaçadora, porém convidativa. Aubrey é a personificação da bondade e dos bons princípios que regem os heróis românticos. Ruthwen, no entanto é o mal escondido, porém pressentido por todos à sua volta, que contamina a todos e os perverte, sentindo prazer com a desgraça alheia.

No final do século XIX, a onda de terror contra os vampiros assume tal proporção que um escritor até então desconhecido, ao tomar contato com a história da Romênia e de um certo governante, resolve, à partir das lendas em torno desta figura, escrever aquilo que seria considerado o cânone: Drácula.

A palavra Drácula vem do romeno Dracul que significa dragão ou demônio, palavra associada a Vlad Tepes, o empalador. Stoker aproveita-se da fama de Tepes de fazer suas refeições ao pé de suas vítimas empaladas e molhar o pão no sangue delas, para construir sua personagem maldita. O enredo do livro, escrito em forma de romance epistolar, é extremamente complexo para ser totalmente reproduzido. Como um cânone, foi amplamente divulgado e explorado tanto pela Literatura quanto pelo cinema.

Os acontecimentos vão se desenrolando, diferente do que acontece nas narrativas Realistas-Naturalistas, de maneira menos descritiva e mais subjetiva deixando o leitor preencher as lacunas com sua imaginação. Drácula é a personificação dos medos e preconceitos dos Ingleses:

Na Inglaterra, inicialmente, o vampirismo é indissociável da repressão política e religiosa ao suicídio. Uma lei que vigorou até 1870 transferia à Coroa todos os bens dos suicidas, destituindo suas famílias de quaisquer forma de herança. Por sua vez, a Igreja não só proibia seu enterro em solo consagrado, como incentivava que seus corações fossem varados por estacas de forma a pregá-los em

seus caixões e evitar-lhes o levante no Dia do Juízo Final. Metodicamente vilipendiados, os cadáveres daqueles que ‘atentaram contra Deus’ inspiraram temores de que, debilitados pela morte prematura e encerradas em solo profano, suas almas – incapazes de se desprender da carne gelada estariam, como fantoches, vulneráveis aos caprichos da vontade infernal.⁷

Stoker causou controvérsia no meio cultural britânico tão grande quanto um outro autor que neste período encontrava-se preso: Oscar Wilde. Ambos ousaram escrever e viver de forma contrária aos pressupostos sociais da Era vitoriana.

No século XX, no entanto, com as modificações de abordagem dados à Literatura, o gênero gótico, logo nos primeiros cinquenta anos, foi esquecido pela Literatura, tendo sido amplamente explorado pelo cinema. Em 1951, Richard Matheson volta a explorar o mito, abordando-o de maneira diferente, quase surrealista. O personagem principal estaria preso numa aldeia de vampiros.

Na década de 70, uma desconstrução do cânone instituído por Stoker surgiria e arrebanharia milhares de fãs, reavivando o interesse pelos vampiros de maneira definitiva. Surge *Entrevista com o vampiro*, de Anne Rice. Seus personagens ainda são monstros, porém com conflitos existenciais e uma faceta mais humana.

Lestat, sua personagem principal, é a personificação do dandy wildeano, bon vivant, egoísta e narcisista que sempre se envolve em tramas absurdas: desde se tornar um astro do Rock, visitar Deus e o Demônio até, a exemplo de um Fausto reconstruído, trocar de corpo com um ser humano, como em “A história do Ladrão de corpos”.

As peripécias de Lestat não têm fim. Ele sempre se justifica e admite seu egoísmo que de alguma maneira acaba por envolver seus companheiros na vida eterna. Seu gosto pela beleza e pela arte sempre é ressaltado. Apesar de ter nascido pobre, ao longo de seus duzentos anos, foi se aperfeiçoando tornando-se um esteta: “Muitas vezes pensei em arrumar a casa de Louis, pendurar quadros nas paredes, decorar com objetos finos como eu tinha no passado”⁸

⁷ DAVENPORT-HINES, R. Gothic: Four hundred years of Excess, horror, evil and Ruin. Nova York, North Point, 1999, p-228-232. In Voivode.p-49

⁸ RICE, Anne. A história do ladrão de corpos. P-121.

[7] GARRAFA. vol. 2, n. 02, janeiro-abril 2004.l. p. 66-73. ISSN 18092586.

Nenhum livro ou filme de arte escapa ao gosto de Lestat, tornando-o um Dorian Grey moderno, ainda preso ao artificial, mas com um código de conduto totalmente diferente de Drácula.

Lestat só mata os malfeitores, os perversos. Estes refletem sua parcela monstruosa, fazendo com que ele invariavelmente se apaixone pelas vítimas que costuma vigiar por meses, numa espécie de jogo de gato e rato, culminando com a morte destes. Dorian, de maneira similar, faz o mesmo tipo de jogo perverso com a atriz Sybil Vane antes de se apresentar a ela e manter um relacionamento de sonho, rompendo-o após mostrá-la a Lord Henry, que a ridiculariza, desencantando-o. O fim do relacionamento e levá-la à morte, construindo assim uma espécie de metáfora que simbolizaria o relacionamento do vampiro moderno com sua vítima, antecipando-o.

Lestat, contrariamente a Dorian, não precisa do retrato para esconder sua monstruosidade do mundo: ela está presente a cada noite, a cada nova vítima, em cada novo livro de Rice em que ele aparece. Ressuscitando um gênero de curta duração, mas que marcou a história da literatura: o Decadentismo.

O mito do vampiro, tão antigo e tão atual, faz-se presente e consagrado pelo imaginário mundial como um dos temas mais sedutores e perversos de todos os tempos. De Polidori a Anne Rice, o público sedento continuará sempre na busca de sua metade obscura refletida na face do vampiro.

Referências

- MELTON, Gordon. O livro dos vampiros. São Paulo, editora Makron, 2002.
FERREIRA, Cid Vala (Org). Voivode. Estudos sobre os vampiros. Jundiaí, Editora Pandemonium, 2002.
RICE, Anne. A história do ladrão de corpos. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1995.
STOKER, Bran. Drácula. Rio de Janeiro. Ediouro, 2002.